GÊNERO E CONFLITOS NO *SATYRICON*: OCASO DA DAMA DE ÉFESO

Gender and Conflicts at the Satyricon: the Episode of the Matron of Ephesus

Pedro Paulo A. Funari*
Renata Senna Garraffoni**

RESUMO

O artigo começa por discutir a renovação dos estudos clássicos, no contexto da pós-modernidade. Volta-se, em seguida, para o uso da literatura para o estudo da História do mundo antigo. Como estudo de caso, o artigo reproduz a anedota da Dama de Éfeso, sua tradução ao vernáculo, seguidos de um estudo do vocabulário. O artigo conclui enfatizando as identidades fluidas e contraditórias.

Palavras-chave: Dama de Éfeso; literatura antiga; relações de gênero; conflitos sociais.

ABSTRACT

The paper starts by discussing the renewal of classics, in the context of postmodernity. It turns then to the issues relating the use of literature for the historical study of the ancient world. As a case study, the paper reproduces the story of the Matron of Ephesus, its translation into Portuguese, followed by a study of the vocabulary. The paper concludes by stressing how identities were fluid and rife with conflict.

Key-words: Matron of Ephesus; ancient literature; gender relations; social conflicts.

* Professor Titular do Departamento de História da Unicamp, Coordenador do Núcleo de Estudos Estratégicos (NEE/Unicamp).

** Professora do Departamento de História da UFPR, Pesquisadora-associada do Núcleo de Estudos Estratégicos (NEE/Unicamp).

Introdução

Na virada do século XX para o XXI, os estudos clássicos passaram por intensas transformações. Os historiadores do mundo romano, acostumados com as narrativas de cunho político, econômico ou militar, se depararam com o surgimento de uma geração de estudiosos preocupados com a revisão de conceitos consagrados, de críticas a modelos interpretativos de cunho normativo, além das múltiplas propostas de novos temas a serem explorados¹. Reflexões sobre a cultura romana, as relações de gênero, conflitos étnicos ou a formação das novas identidades a partir do choque entre romanos e não-romanos passaram a figurar com mais intensidade nas publicações acadêmicas especializadas.

Seguramente, esse processo não é uma particularidade dos estudos acerca do universo romano, mas está inserido em um contexto mais amplo. De certa maneira, essas mudanças são fruto dos questionamentos epistemológicos que as Ciências Humanas têm enfrentado desde a década de 1960. As críticas de Michel Foucault², por exemplo, proporcionaram uma revisão no papel dos estudiosos e, aos poucos, foi se concretizando a percepção na qual o historiador produz discursos sobre o passado, constantemente ressignificados a partir do presente daquele que escreve³. Assim, os pressupostos tão arraigados na historiografia, como a neutralidade, a objetividade, a busca pelo real, pela essência de sujeitos universais e o ordenamento dos acontecimentos a partir da noção de classes sociais e seus conflitos socioeconômicos foram revistos e criticados, abrindo espaço para repensar as categorias de análise do passado e as metodologias empregadas para sua interpretação.

Enfatizando a presença da subjetividade nas escolhas do historiador, estudiosos, como Jenkins,⁴ apontaram como a escrita da História é

1 Cf., com literatura anterior, GARRAFFONI, R. S. *Panem et Circenses: máxima antiga e a construção de conceitos modernos*. Phoinix, Rio de Janeiro, 2005, v. 11, p. 246-267.

2 Cf., em especial: FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996; FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

3 Cf. JENKINS, K. *A História repensada*. São Paulo: Contexto, 2005; MUNSLOW, A. *The Routledge Companion to historical studies*. Londres: Routledge, 2000.

4 JENKINS, K. Op. cit.

permeada por relações de poder, construída a partir de interesses marcados, sejam eles identitários, étnicos ou ideológicos. Essas críticas foram fundamentais para o desdobramento dos estudos sobre o passado, pluralizando os sujeitos históricos e libertando-os das velhas e estáticas hierarquias sociais, proporcionando novas leituras das relações humanas.

Nossas reflexões acerca do mundo romano inserem-se neste contexto. Considerando que o diálogo com os textos clássicos pode propiciar diferentes formas de se escrever a História antiga, nossa proposta consiste em retomar o *Satyricon*, de Petrônio, uma sátira do início do Principado, buscando uma leitura que enfatize os conflitos de gênero e a diversidade de representações de figuras masculinas e femininas em um episódio particular da trama, conhecido como *Dama de Éfeso*. Para tanto, dividimos o texto em três eixos de análise: breves considerações acerca do *Satyricon*, o texto a ser analisado e a tradução do trecho da *Dama de Éfeso* e os comentários sobre as construções dos papéis masculinos e femininos ali implícitos. Acreditamos que, com essa estratégia, possamos contribuir com a busca por abordagens alternativas do texto satírico, evitando tratá-lo como reflexo imediato de uma realidade, mas como um produto cultural permeado por conflitos e contradições.

Literatura e História: algumas considerações

Como partiremos nossa análise de um texto literário, seria interessante refletirmos, mesmo que brevemente, sobre a relação entre Literatura e História. Já na década de 1960, Barthes⁵ se preocupava com a questão. Em suas reflexões sobre *Racine*, Barthes chama atenção para o fato de que muitos historiadores da Literatura se preocupavam em elencar, cronologicamente, os autores e descrever suas contribuições à Literatura. Esse procedimento, segundo Barthes, acabaria por ofuscar as particularidades da lin-

5 BARTHES, R. História ou literatura. In: *Racine*. Porto Alegre: L&PM, 1987.

guagem e os efeitos de sentidos por ela proporcionados. Assim, mais que descrever o momento histórico em que o autor vivia e inserir a obra literária entre os acontecimentos, Barthes defende que o estudioso deve abrir a obra, ou seja, extrair dela os sentidos produzidos naquele momento histórico que marca a sua singularidade.

Essa postura de Barthes deslocou o foco de análise de muitos estudiosos do período no qual a obra foi escrita para a sua estrutura lingüística e seus significados, possibilitando um imenso debate entre os críticos literários e, também, entre os historiadores. No que diz respeito aos historiadores, o novo problema proposto girava em torno de uma questão específica: se a estrutura lingüística era prenhe de significados, seria válido ou não considerar o texto literário como fonte para se entender o passado? Essas discussões mudaram os rumos da historiografia em meados dos anos de 1960. Se, tradicionalmente, os historiadores buscavam seus documentos em arquivos, aceitar a Literatura como fonte para o estudo do passado ajudou a gerar aquilo que, posteriormente, Le Goff chamou de explosão documental⁶, pois alertou a todos sobre a infinidade de produções humanas que poderiam ser consideradas como documentos para o estudo do passado.

No caso dos textos literários, como possuem uma diversidade de personagens e de situações, a compreensão de seu processo de escrita, de publicação e ressignificação contribuiu muito para o avanço dos estudos sobre diferentes grupos sociais, em especial as camadas menos favorecidas da população, que pouco se destacavam em documentos oficiais, tornando-se um referencial importante para aqueles que buscavam entender os grupos marginalizados. Seja devido às contribuições dos marxistas, seja graças às pesquisas dos historiadores ligados à Escola dos *Annales*, desde a década de 1960 muito se discutiu sobre essa relação e, cada vez mais, historiadores se convenceram da importância desse profícuo diálogo com as narrativas ficcionais.

No caso específico da Antigüidade Clássica, nosso objeto de estudo, essa relação entre História e Literatura tem se mostrado muito importante. Os textos literários, entre eles os satíricos, apresentam novas possibili-

6 LE GOFF, J. (Org.). *A História nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

dades para abordar os aspectos culturais, sociais, políticos e econômicos vigentes no mundo romano. Neste sentido, o diálogo com as Letras Clássicas, a compreensão por parte do historiador das estruturas das obras e os seus detalhes, têm propiciado aos estudiosos preciosas informações sobre o cotidiano dos romanos.

Funari⁷, por exemplo, destaca que a relação entre os estudos das letras e a História é fundamental para um conhecimento mais aprofundado do passado clássico. Assim, ao estudarmos os romances romanos, o conhecimento do latim torna-se fundamental: uma análise do vocabulário presente nas obras fornece elementos para que possamos compreender o contexto em que os termos eram utilizados. Mais do que isto, o estudo do linguajar pode propiciar o contato com o *sermo humilis*, proporcionando, portanto, a possibilidade de recuperar traços culturais da população mais pobre ou marginalizada.

Considerando que, por meio da análise filológica, seja possível uma aproximação crítica de um universo semântico de conteúdo sócio-cultural, os exageros, a comicidade e os juízos de valores espalhados pelo *Satyricon* serão entendidos como elementos importantes para discutirmos as construções dos papéis femininos e masculinos na sociedade romana. Desta forma, defendemos a importância de uma análise do trecho selecionado do *Satyricon* que considere os aspectos literários, ou seja, não trataremos o episódio da *Dama* como um reflexo imediato do real, como se o que fosse escrito por Petrônio equivalesse à sociedade romana, mas sim como um discurso e, conseqüentemente, permeado por interesses e conflitos, não podendo ser pensado como um relato neutro.

Ao estudar o episódio da *Dama de Éfeso*, tomaremos como pressuposto, portanto, que a literatura é uma linguagem e que, para compreendê-la, torna-se necessário que recorramos às alegorias, seus significantes e significados⁸. Por meio do questionamento do texto e da análise das estruturas e vocabulário, pretendemos estabelecer um diálogo com os persona-

7 FUNARI, P. P. A. Filologia, literatura e lingüística e os debates historiográficos sobre a Antigüidade Clássica. In: *Boletim do C.P.A.*, n. 5/6, jan./dez. 1998, p. 153-166.

8 BARTHES, R. Op. cit.

gens para explicitar os sentidos que produzem⁹. Mesmo conscientes de que os personagens são construções em um dado momento histórico, por meio do estudo da filologia dos termos é possível identificar, dentro do texto, os diferentes tipos de papéis masculinos e femininos construídos pelo autor.

Este tipo de estratégia possibilita um olhar mais atento às particularidades textuais, expondo a complexidade da sátira e sua riqueza, pois evita a criação de um modelo interpretativo único e preza pela interdisciplinaridade, ressaltando as inúmeras possibilidades de ação dos sujeitos. Além disso, preserva a diversidade, reconhece a presença de diferentes imagens e representações dos papéis masculinos e femininos e expressa os conflitos no interior da sociedade romana.

O Satyricon de Petrônio

Como a grande maioria dos textos antigos, o *Satyricon* e seu possível autor, Petrônio, estão, ambos, envolvidos em uma série de polêmicas e de dificuldades. Isto se refere à autoria, ao período no qual foi escrito e ao tamanho da obra original. Assim, mesmo que de forma resumida, apresentaremos alguns aspectos acerca desses debates¹⁰. Iniciemos com a vida de Petrônio. Sua biografia é bastante imprecisa e, desde o período do Renascimento, há uma grande dificuldade para se determinar quem foi este homem. A maioria dos pesquisadores – ainda que nem todos – considera que o autor do *Satyricon* é o Petrônio descrito por Tácito, em sua obra *Anais*¹¹, e mencionado, mais brevemente, em algumas passagens de Plínio, o Velho, e Plutarco. Assim, a tradição considera que o nome completo do autor seria Tito Petrônio Níger, cônsul romano durante o ano de 62 d.C., e conhecido como *arbiter elegantiae* (árbitro da elegância), já que estabelecia padrões de elegância na corte de Nero.

9 Sobre a importância de se estabelecer um diálogo com os textos para recuperação de aspectos do passado, cf. LaCAPRA, D. Rethinking intellectual history and reading texts. In: *Rethinking intellectual history: texts, context, language*. New York: Cornell University Press, 1985, p. 23-71.

10 Para um estudo mais detalhado dessas polêmicas, cf. GARRAFFONI, R. S. *Bandidos e salteadores na Roma Antiga*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2002.

11 TÁCITO. *Anais*, XVI, p. 18-19.

De acordo com esta descrição de Tácito, Petrônio seria um homem cínico e com alguns vícios; no entanto, mostrou-se um excelente administrador quando governou a província da Bitúnia. Sua capacidade de atuar e a influência que exercia na corte de Nero teriam gerado inveja em Tigelino, que o difamou, acusando-o de participar de uma conspiração contra o Imperador. Como punição, Petrônio acabou sendo condenado ao suicídio em 66 d.C.

O título da obra também é bastante polêmico. Não se sabe ao certo o significado nem a origem do nome *Satyricon*. A. Dihle, ao escrever sobre a narrativa romana em sua obra *Greek and Latin Literature of the Roman Empire*¹², apresenta as duas mais aceitas alternativas para o termo: pode ser *satyrikos*, palavra de origem grega utilizada para mencionar pessoas que viviam do prazer sexual, ou *satura*, palavra latina empregada com o significado de sátira. A possibilidade de haver um duplo sentido no título já demonstrava aos leitores com que tipo de conteúdo iriam se deparar, isto é, uma narrativa repleta de personagens com comportamentos e atitudes lascivas e satíricas.

Outro problema diz respeito à composição do texto em si: a versão que chegou até nós é muito fragmentada. Sabe-se que o que restou são partes dos livros XIV-XVI e que o original seria bem maior, uma vez que a sua concepção seria feita nos moldes da *Odisséia*, de Homero, e teria mais ou menos o seu tamanho.¹³ No que diz respeito à estrutura do texto, é importante destacar que a sátira é narrada em primeira pessoa pelo personagem Encólpio. Ele e Gíton são aventureiros educados e pobres que viajam de um lado para outro, sem destino definido, perseguidos pela ira do deus Priapo.

No decorrer das viagens, ambos contracenam com uma diversidade de personagens: Agamemnon, Eumolpo, Licas, Ascilto, algumas bruxas, sacerdotisas do deus Priapo e vários libertos, desde os milionários até os mais pobres. A grande maioria das situações em que se envolvem é de natureza erótica, mas também encontramos histórias de naufrágios, roubos,

12 DIHLE, A. *Greek and Latin Literature of the Roman Empire*. Londres: Routledge, 1994, p. 126-131.

13 Cf. WALSH, P. G. *The Roman Novel*. Grã-Bretanha: Cambridge University Press, 1995.

bruxarias e orgias culinárias. Segundo Walsh, é possível detectarmos a presença de dois tipos de episódios no desenrolar dos acontecimentos: eles podem ser de origem interna ou externa. Os episódios internos ocorrem quando os acontecimentos centram-se na relação Encólpio/Gíton e o ciúme que nasce diante da presença de Ascilto e Eumolpo. Aqui a presença de Priapo é fundamental, pois é devido a sua ira que o protagonista se torna impotente. Já os episódios externos são constituídos a partir da relação de Encólpio com os demais personagens. Este segundo tipo de ação permite a Petrônio deslocar a narrativa e introduzir os elementos de sua sátira, como no caso do jantar de Trimalcião¹⁴ ou no caso da *Dama de Éfeso*, trecho que analisaremos a seguir.

A Dama de Éfeso

A história da Dama de Éfeso está reportada em um momento bastante específico do *Satyricon*. Como comentamos anteriormente, não se constitui uma parte da trama central, mas sim uma anedota que Encólpio ouve quando viajava no navio de Licas. O que nos interessa, nesta ocasião, é reportamos a íntegra da historieta, tal como ali apresentada. Iniciamos, portanto, com a reprodução do texto latino, seguido de uma tradução recente¹⁵, para que, então, possamos tecer algumas considerações a respeito das relações de gênero.

Matrona quaedam Ephesi

[CXI] “*Matrona quaedam Ephesi tam notae erat pudicitiae, ut vicinarum quoque gentium feminas ad spectaculum sui evocaret. Haec ergo cum virum extulisset, non contenta vulgari more funus passis prosequi crinibus aut nudatum pectus in conspectu frequentiae plangere, in*

14 Cf. WALSH, P. G. Introduction, Op. cit., item II.

15 Cf. FUNARI, P. P. A. Três recentes edições e traduções de Petrônio. *Phaos*, v. 4, 2004, p. 159-162.

conditorium etiam prosecuta est defunctum, positumque in hypogaeo Graeco more corpus custodire ac flere totis noctibus diebusque coepit. Sic adflctantem se ac mortem inedia persequentem non parentes potuerunt abducere, non propinqui; magistratus ultimo repulsi abierunt, complorataque singularis exempli femina ab omnibus quintum iam diem sine alimento trahebat. Adsidebat aegrae fidissima ancilla, simulque et lacrimas commodabat lugenti, et quotienscumque defecerat positum in monumento lumen renovabat. Una igitur in tota civitate fabula erat: solum illud adfulsisse verum pudicitiae amorisque exemplum omnis ordinis homines confitebantur; cum interim imperator provinciae latrones iussit crucibus affigi secundum illam casulam, in qua recens cadaver matrona deflebat.

“Proxima ergo nocte, cum miles, qui cruces asservabat, ne quis ad sepulturam corpus detraheret, notasset sibi lumen inter monumenta clarius fulgens et gemitum lugentis audisset, vitio gentis humanae concupiit scire quis aut quid faceret. Descendit igitur in conditorium, visaque pulcherrima mulier, primo quasi quodam monstro infernisque imaginibus turbatus substitit; deinde ut et corpus iacentis conspexit et lacrimas consideravit faciemque unguibus sectam, ratus (scilicet id quod erat) desiderium extincti non posse feminam pati, attulit in monumentum cenulam suam, coepitque hortari lugentem ne perseveraret in dolore supervacuo, ac nihil profuturo gemitu pectus diduceret: ‘omnium eundem esse exitum et idem domicilium’ et cetera quibus exulceratae mentes ad sanitatem revocantur.

“At illa ignota consolatione percussa laceravit vehementius pectus, ruptosque crines super corpus iacentis imposuit. Non recessit tamen miles, sed eadem exhortatione temptavit dare mulierculae cibum, donec ancilla, vini odore corrupta, primum ipsa porrexit ad humanitatem invitantis victam manum, deinde resecta potione et cibo expugnare dominae pertinaciam coepit et: ‘Quid proderit, inquit, hoc tibi, si soluta inedia fueris, si te vivam sepelieris, si antequam fata poscant indemnatum spiritum effuderis? Id cinerem aut manes credis sentire sepultos? Vis tu reviviscere! Vis discusso muliebri errore! Quam diu licuerit, lucis commodis frui! Ipsum te iacentis corpus admonere debet ut vivas.’ Nemo invitus audit, cum cogitur aut cibum sumere aut vivere. Itaque mulier aliquot dierum abstinencia sicca passa est frangi pertinaciam suam, nec minus avidè replevit se cibo quam ancilla, quae prior victa est.

[CXII] “*Ceterum, scitis quid plerumque soleat temptare humanam satietatem. Quibus blanditiis impetraverat miles ut matrona vellet vivere, iisdem etiam pudicitiam eius aggressus est. Nec deformis aut infacundus iuvenis castae videbatur, conciliante gratiam ancilla ac subinde dicente:*

‘Placitone etiam pugnabis amori?’

“Quid diutius moror? Jacuerunt ergo una non tantum illa nocte, qua nuptias fecerunt, sed postero etiam ac tertio die, praeclusis videlicet conditorii foribus, ut quisquis ex notis ignotisque ad monumentum venisset, putasset expirasse super corpus viri pudicissimam uxorem.

“Ceterum, delectatus miles et forma mulieris et secreto, quicquid boni per facultates poterat coemebat et, prima statim nocte, in monumentum ferebat. Itaque unius cruciarii parentes ut viderunt laxatam custodiam, detraxere nocte pendentem supremoque mandaverunt officio. At miles circumscriptus dum desidet, ut postero die vidit unam sine cadavere crucem, veritus supplicium, mulieri quid accidisset exponit: ‘nec se expectaturum iudicis sententiam, sed gladio ius dicturum ignaviae suae. Commodaret ergo illa perituro locum, et fatale conditorium familiari ac viro faceret.’ Mulier non minus misericors quam pudica: ‘Ne istud, inquit, dii sinant, ut eodem tempore duorum mihi carissimorum hominum duo funera spectem. Malo mortuum impendere quam vivum occidere.’ Secundum hanc orationem iubet ex arca corpus mariti sui tolli atque illi, quae vacabat, cruci affigi. “Usus est miles ingenio prudentissimae feminae, posteroque die populus miratus est qua ratione mortuus isset in crucem¹⁶”.

A Matrona de Éfeso

CXI– “Havia uma mulher casada em Éfeso que era de uma castidade tão notável que levava as mulheres até mesmo dos povos vizinhos a visitá-la. Então, quando ela perdeu o marido, não se limitando a seguir o enterro com os cabelos soltos, segundo o costume geral, ou a bater no peito nu na presença da multidão, ela também acompanhou o defunto no túmulo

16 Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/petronius1.html>>.

e resolveu chorar e velar o corpo colocado na cripta, de acordo com o costume grego, por duas noites inteiras. Nem os pais, nem os parentes puderam afastá-la daquele local, pois ela se atormentava assim e buscava a morte através da abstinência de alimentos; os magistrados, repelidos por último, foram-se embora, aquela mulher de exemplo singular, por quem todos lastimavam, já passava o quinto dia sem alimento. A mais fiel escrava daquela mulher atormentada não se afastava dela e, ao mesmo tempo, não só compartilhava suas lágrimas com as de sua senhora, mas também reacendia a lâmpada colocada no monumento toda as vezes em que ela se apagava. Assim, pois, na cidade inteira era esse o único assunto, os homens de todas as classes sociais reconheciam que tal atitude se destacava como exemplo verdadeiro de castidade e de amor, quando, nesse meio tempo, o imperador daquela província ordenou que ladrões fossem pregados em cruzes ao lado daquele túmulo, no qual a mulher velava o cadáver fresco.

Então, na noite seguinte, quando o soldado que vigiava as cruzes, para que ninguém levasse corpo para a sepultura, notou uma luz brilhando mais forte entre os túmulos e ouviu o soluço de alguém chorando, por um vício da raça humana ele desejou saber quem era, ou o que estava fazendo. Então, ele desceu para o interior do túmulo e, quando viu aquela mulher belíssima, primeiro ficou parado, como que perturbado por algum monstro ou por fantasmas infernais. Em seguida, quando viu um corpo de homem estendido e ainda observou as lágrimas e as faces golpeadas pelas unhas, evidentemente percebendo o que era – uma mulher que não conseguiu suportar a saudade do extinto marido – levou para aquele túmulo seu pequeno jantar e aconselhou aquela mulher chorosa a não persistir numa dor inútil e não dilacerar seu peito com um gemido que não lhe serviria em nada. Ele argumentou que todos teriam aquele mesmo fim e aquela mesma morada e ainda disse outras coisas com as quais as mentes atormentadas são reconduzidas à razão. Mas ela, chateada com aquela tentativa de consolo, castigou mais violentamente seu peito e depositou cabelos arrancados sobre o corpo do defunto. O soldado, contudo, não recuou, mas, com aquele mesmo estímulo, tentou dar alimento à pobre mulher, até que sua escrava [certamente corrompida] pelo bom cheiro do vinho, primeiro ela estendeu sua própria mão vencida até o espírito de humanidade daquele sedutor, depois, repetida a dose da comida e bebida, derrotou a obstinação de sua dona e disse: O que você poderá lucrar sendo aniquilada pela falta de alimento, sendo enterrada viva, entregando sua alma que ainda não foi condenada, antes que os destinos exijam?

Acreditas que os restos mortais, ou os manes sepultados percebem teu sacrifício?

Você não quer voltar a viver? Não quer usufruir das coisas boas da vida, enquanto ainda pode, dissipando esse erro próprio das mulheres? O próprio corpo do defunto deveria encorajá-la a viver? Ninguém deixa de ouvir, quando está sendo coagido a se alimentar, ou a viver. Assim, a mulher, faminta devido ao jejum de alguns dias, admitiu que sua perseverança fosse rompida e fartou-se de alimento não menos avidamente do que a escrava, que foi vencida primeiro.

CXII – Mas vocês sabem o que geralmente costuma inquietar a satisfação humana. Com as mesmas palavras ternas com que tinha conseguido que a senhora quisesse viver, o soldado abordou também a castidade dela. E aquele jovem não parecia disforme ou pouco eloquente à virtuosa senhora, acrescentando-se a isso a influência de sua escrava, que dizia a tempo todo:

Ainda lutarás contra este agradável amor?

[Não vem à tua mente nas terras de quem vieste a te estabelecer?]

Para que ficar me alongando tanto? A mulher não mais se absteve de saciar aquela parte de seu corpo e o soldado vitorioso a persuadiu de ambas as coisas. Eles, então, deitaram-se juntos não só aquela noite, em que celebraram suas núpcias, mas também no dia seguinte e ainda no terceiro dia, evidentemente com as portas do túmulo fechadas, para que qualquer um que viesse ao monumento, entre conhecidos e desconhecidos, pensasse que aquela virtuosíssima esposa exalava seu último suspiro sobre o corpo de seu marido.

Mas o soldado, encantado pela beleza da mulher e pelo mistério, comprava e levava para o túmulo, imediatamente ao cair da noite, tudo de bom que conseguia, dentro de suas possibilidades. Assim, os pais de um crucificado, quando viram a guarda baixada, tiraram durante a noite o corpo pendurado e lhe prestaram a última homenagem. E o soldado logrado, quando viu no dia seguinte uma cruz sem cadáver, sentiu o chão sumir a seus pés e, temendo a punição, expôs à mulher o que tinha acontecido. Ele disse que não iria esperar a sentença do juiz, mas que iria determinar ele próprio para si

a pena de morte, com a espada, por negligência. Por isso, ele queria que ela lhe concedesse um lugar para morrer e dedicasse aquele túmulo fatal a seu amante e a seu marido. A mulher, não menos misericordiosa que virtuosa, disse: Que os deuses não permitam que eu assista, ao mesmo tempo, aos dois funerais dos dois homens mais especiais para mim. Prefiro pendurar o morto a matar o vivo. Depois desse discurso, ela ordenou que o corpo de seu próprio marido fosse retirado do sarcófago e pregado na cruz que estava vazia. O soldado pôs em prática o plano genial daquela mulher sapientíssima e, no dia seguinte, o povo espantado ficou a se perguntar de que modo o morto tinha ido parar na cruz”¹⁷.

A construção discursiva

A historieta da Dama de Éfeso apresenta um uso particular do vocabulário sobre as relações de gênero e de poder, que não são fáceis de serem mantidos em traduções. A primeira observação refere-se ao uso de expressões para se referir à dama. Logo de início, ela é apresentada como *matrona*, uma senhora, caracterizada pela *pudicitia*, a ponto de atrair para si (*ad spectaculum sui*) as *feminae* da vizinhança. O marido é descrito como *uir*. A viúva decide encerrar-se na tumba, o que se afasta do costume vulgar (*vulgari more*). Mostra-se “mulher de exemplo singular” (*singularis exempli femina*). Ali chorava o cadáver recente do marido, ainda como *matrona* (*recens cadaver matrona deflebat*). O soldado que tomava conta dos crucificados nas redondezas aproximou-se daquela que é descrita como *pulcherrima mulier*. O termo *mulier* encontrava-se no extremo oposto ao elevado *matrona*, usado para descrever a mulher de baixa extração. Como bela mulher, parecia atingir afetá-lo como se fosse um monstro e imagens vindas do mundo dos mortos (*monstro infernisque imaginibus*). A mulher é, portanto, associada aos mistérios do mundo subterrâneo.

17 PETRÔNIO. *Satyricon*. Edição bilíngüe. Tradução e posfácio de Sandra Braga Biachet. Belo Horizonte: Crisálida, 2004, p. 200-205.

O soldado logo viu o corpo do morto e compreendeu do que se tratava: uma mulher (*feminam*) que não podia agüentar o desejo do morto (*desiderium extincti*). A mulher, descrita com um termo médio (*femina*), nem tão alto como *matrona*, nem tão baixo como *mulier*, sentia desejo (*desiderium*). O termo significa, em primeiro lugar, desejo, mas, por extensão, tem a conotação de saudade¹⁸. Essa ambigüidade não é casual e perde-se na tradução por apenas um dos dois termos. Quando o soldado tenta dar comida a ela, a palavra usada para se referir à senhora abaixa para *muliercula*, expressão não tão freqüente na literatura antiga, cujo sentido é um tanto depreciativo (“uma mera mulher”¹⁹), tal como o correspondente masculino *homunculus*.

Estava presente a serva: aquela mulher de menor *status* e valor (*ancilla*), que levaria a dama à perda da honra. A escrava tenta a patroa, e o faz com o uso do verbo “querer” (*uolo*): queres voltar a viver? (*uis tu revivescere?*). Para isso, basta superar esse erro feminino de julgamento (*discusso muliebri errore*), passagem na qual aparece um derivado de *mulier*, *muliebris*. A primeira a ceder é a mais baixa, a *ancilla*. A senhora é descrita como *abstinentia sicca*, “seca pela abstinência”. As traduções costumam verter por “faminta pelo jejum”, o que não deixa de estar correto, mas não dá conta do duplo sentido: ela estava também seca devido à abstinência sexual. *Sicca* opõe-se a *umida*.

Estabelecida a supremacia do desejo nas mulheres, o tom ambíguo, de duplo sentido das palavras, acentua-se. O soldado (*miles*) torna-se amante (*miles*), jogo de palavras impossível em português, mas sempre presente no original latino. O soldado aproximou-se com carícias (*blanditiae*), palavra usada, na literatura amorosa latina, para falar para as mulheres e que se opõe, aqui, à *abstinentia sicca*. A ironia aparece logo, pois o jovem não parecia feio ou pouco loquaz “para a casta” (*nec difformis aut infacundus iuvenis castae uidebatur*). *Casta* não especifica a qual termo, dentre os usados para se referir à viúva, se aplica: *muliercula*, *mulier*, *femina*, *matrona* ou *uxor*. A ausência, portanto, é propositada. A *casta* nota dois atributos no

18 Cf. SUETÔNIO. *Calígula*, 6,2: *Auxit glorium desideriumque defuncti*.

19 Cf. LUCR., v. 4, p. 1279: *qui illo susurro delectari se dicebat aquam ferentis mulierculae*.

miles: que era belo e que era “bom de bico”. Para completar a degradação, quem incentivava a patroa era a escrava (*conciliante gratiam ancilla*).

A mulher não mais se absteve de saciar uma parte do seu corpo, a boca, e logo o *miles* vitorioso persuadiu-a de ambas. Aqui, são duas partes do corpo: uma explícita, a boca, outra implícita. Passam, ambas, do seco ao úmido ou brando (*blandus*): boca e genitália. Casam-se ou contraem núpcias, segundo o vocabulário técnico usado com ironia: *nuptias fecerunt*. Todos deviam pensar que lá estava a mais pudica esposa, expressada com o uso da palavra mais erudita e menos usada, *uxor* (*pudicissima uxor*).

O *miles*, que pensava dominar a situação, na verdade era dominado. Estava encantado tanto pela beleza da mulher como pelo segredo (*et forma milieris et secreto*). O soldado estava *delectatus*, o que pode também ser ambíguo e significar tanto atraído como se deleitando, aproveitando²⁰. A degradação continua. Os pais de um crucificado viram que a guarda era frouxa (*laxata custodia*). Caracterizar o homem como *laxus*, frouxo, dá bem o tom do que se segue. O soldado foi enganado (*circumscriptus*), hesitou, temeu o suplício (*veritus supplicium*), expôs a situação à mulher (*mulier*): não esperaria a condenação do juiz, morreria com honra, pela espada (*gladio*). Que estivessem enterrados em um lugar comum o marido (*uir*) e o amigo: a palavra usada, *familiaris*, mostra o caráter servil e subalterno (à senhora de Éfeso) do soldado. A mulher (*mulier*) mostrou-se misericordiosa e pudica (*non minus misericors quam pudica*). Que os deuses não permitissem que perdesse dois homens caríssimos (*carissimi homines duo*). Ambos, marido morto e amante, são simples “seres humanos” (*homines*). Mandou (*iubet*) que o corpo do marido (*corpus mariti*) fosse colocado na cruz. O soldado aceitou (*usus est*) o plano da mulher mais inteligente (*prudētissima femina*). Os termos mais usados são *mulier* e seus derivados (7 ocorrências), *miles* (6), *femina* (4), *matrona* e *uir* (3 cada) e *uxor* e *maritus* (1 cada). Essas freqüências indicam o predomínio, no relato, do par *mulier/miles*, que degrada a relação respeitável entre *uxor/maritus* e *matrona/uir*.

20 Cf. PETRÔNIO. *Satyricon*, 45,7: *cum dominam suam delectaretur*, “quando se deleitava com a mulher do outro”. Note-se, neste caso, o uso da palavra *domina* com sentido de esposa, como nas inscrições populares de Pompéia. Cf.: FUNARI, P. P. A. *A vida quotidiana na Roma Antiga*. São Paulo: Annablume, 2004.

Considerações finais

Podemos considerar que a anedota foi construída para ridicularizar comportamentos inadequados, pois a dama que, inicialmente, estava ao lado do marido para demonstrar sua virtude, rende-se a um desconhecido e o soldado, por curiosidade, abandona seu dever. Tal estrutura narrativa, ao provocar o riso, expressa os valores sociais implícitos e as críticas aos comportamentos esperados dos homens e mulheres romanas. A dama, por exemplo, é uma mulher de posses e respeitada que não consegue se controlar diante de seus desejos e rapidamente se envolve com um soldado. Este, por sua vez, é um curioso sedutor, de *status* social diferente do seu. Assim, desejo, paixão, curiosidade, comportamentos que aparecem em outras sátiras como não dignos de pessoas virtuosas²¹, interligam-se com a presença de criminosos, degradando a todos. Se o texto inicia-se com os termos mais eruditos, segue-se a degradação, em particular da esposa e do soldado, que passa a servo da mulher. A ironia, além de ser construída pela degradação dos termos, faz-se presente também na trama, pois se a dama e o soldado são diminuídos pelos vocábulos de acordo com suas atitudes, o marido virtuoso acaba na cruz, suprema desonra para um cidadão respeitável.

Uma pequena história, destinada ao riso dos leitores²², muito nos revela sobre as identidades e conflitos sociais no mundo romano, em particular no âmbito das relações de gênero e de *status* ou classe²³. Uma análise detida do vocabulário original nos proporciona reflexões instigantes, sutilezas difíceis de se manter nas traduções. As mulheres, no episódio comentado, aparecem em suas múltiplas dimensões, como submissas e castas, mas também como dominadoras e senhoras da situação. O domínio patriarcal

21 Essa mesma relação aparece, por exemplo, na sátira de Apuleio, *Metamorfoses*, escrita no século II d.C. O protagonista Lúcio enfrenta problemas constantemente por ser afeito à curiosidade e às paixões. Para uma análise mais detalhada desta questão, cf. GARRAFFONI, R. S. *Bandidos e salteadores na Roma Antiga*, Op. cit. na nota 10.

22 PETRÔNIO, *Satyricon*, CXIII: *Rise excepere fabulam nautae* (“os marinhos caíram na gargalhada com a anedota”).

23 FUNARI, P. P. A. A Antiguidade, o Manifesto e a historiografia crítica sobre o mundo antigo. In: COGGIOLA, Osvaldo (Org.). *Manifesto Comunista, ontem e hoje*. São Paulo: Xamã, 1999, p. 223-232.

aparece como norma, logo colocada de ponta-cabeça. As hierarquias sociais tampouco se mantêm rígidas, a demonstrar a fluidez de toda a situação. À luz da teoria social da nossa época, o mundo romano parece muito mais variado e contraditório, sempre aberto a leituras também diversificadas, mas sempre muito significativas para nossos próprios dias.

Agradecimentos

Este artigo resulta, também, da interação dos autores no quadro do Projeto de Pesquisa “Gênero, sexualidade e subjetividade na Antiguidade e na (Pós-)Modernidade: pesquisa em História Comparada”, apoiado pelo CNPq e coordenado por Margareth Rago e Pedro Paulo A. Funari. Devemos mencionar, ainda, o apoio institucional do Núcleo de Estudos Estratégicos (NEE/Unicamp) e do Departamento de História da UFPR.